

Transcrição entrevista Letícia Balbi - psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana e professora do Departamento de Psicologia da UFF

- Qual a origem da psicanálise lacaniana?

Freud funda a psicanálise ao escutar as pacientes histéricas e verificar que suas queixas eram determinadas por uma outra lógica, a lógica do inconsciente - também responsável pelo trabalho dos sonhos.

Lacan propõe uma releitura de Freud baseado em que tanto os sintomas histéricos como os sonhos são constituídos fundamentalmente por matéria verbal. Da mesma forma, a sexualidade humana é determinada pela linguagem. Daí sua afirmação de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

- Como a terapia funciona? O que se espera do encontro com o paciente?

A psicanálise opera com um dispositivo que inclui dois artifícios do campo da palavra: a regra da associação livre, a partir da qual o analista convida o sujeito a falar livremente e a operação da transferência, que é a inclusão do analista no endereçamento da fala do analisante. A transferência, desde Freud, opera como motor do tratamento, viabilizando a atualização da realidade do inconsciente. É a partir daí que o sintoma poderá encontrar sua causalidade psíquica. Então, o que é visado no tratamento não é tanto a cura dos sintomas, como nas psicoterapias, mas um trabalho de construção desse saber inconsciente, que determina o sujeito e seu sintoma.

- O terapeuta estabelece um diagnóstico? Pensa-se em um processo de cura?

A distinção diagnóstica entre neurose e psicose é importante para a condução do tratamento, no entanto, mais fundamental do que fazer um diagnóstico baseado num saber técnico ou médico é sustentar a singularidade da causa de desejo de cada sujeito e de cada análise. Nesse sentido cada análise reinventa a psicanálise. Neste campo, portanto, não se trata de aplicação de técnicas psicoterápicas.

- A psicanálise lacaniana trabalha com terapia de grupo? Existe uma grande diferença no método de trabalho?

Nem caberia tampouco o trabalho em grupo, que se sustenta nas identificações entre seus participantes e não na singularidade do desejo de cada um. Analista e analisante não formam grupo, nem mesmo um par, pois tem tarefas diferentes a fazer no trabalho de uma análise.

- O que é um comportamento ético do terapeuta que escolhe esta abordagem?

Na psicanálise encontramos uma passagem da abordagem técnico-terapêutica para uma perspectiva ética: não a ética, ou mesmo as boas intenções morais da pessoa do analista. Trata-se da ética da psicanálise, cuja orientação não é o triunfo rápido sobre os sintomas, ou a reabilitação psicossocial da loucura. A psicanálise não lida apenas com isso, ela lida com a alienação do sujeito na civilização científica, que visa com todas as suas técnicas e aparatos uma certa "objetificação" do sujeito. O objetivo é buscar algo que possa servir como medida de nossa ação que seja diferente da conformidade aos padrões determinados pelos ideais da cultura e de suas ideologias. (3b) Uma análise deve possibilitar ao sujeito, que assim o queira, posicionar-se como desejante no laço social com os outros. Assim, a medida ética de nossa ação é a relação com o desejo que a

habita. A aposta da análise é, portanto, operar com o desejo como medida de nossa ação e não em conformidade com os ideais da cultura.

- O que singulariza a psicanálise lacaniana?

A posição do analista na condução de um tratamento difere da função de mestria. Enquanto o psicoterapeuta responde à demanda de cura, identificando-se ao lugar de saber em que é colocado pelo paciente - respondendo, por exemplo, com conselhos e prescrições que garantem este saber-, o analista se abstém dessa mestria, suspendendo seu saber, suas boas intenções e até mesmo suas ambições terapêuticas, para que o analisante possa desdobrar no campo das associações livres, suas questões e sua posição frente ao desejo e frente aos outros.

- E, para você, o que é comum entre todas as terapias?

Por essas e outras razões a psicanálise não se inclui no campo das psicoterapias.